

FEIRA DE ARTES E ARTESANATO DE BELO HORIZONTE: PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Reinaldo dos Santos¹
Rafael E S Matos²
Alexandre M A Diniz³

Resumo

Tendo iniciado de maneira espontânea no final da década de 1960, a Feira de Artes e Artesanato de Belo Horizonte conta com aproximadamente 2.800 expositores, atraindo uma média de 70 mil pessoas a cada Domingo, constituindo-se num evento de monta. Além de ser uma importante fonte geradora de postos de trabalho e renda, a feira também representa uma opção de lazer para os habitantes do município e é, ao mesmo tempo, ponto de referência para turistas que chegam à capital.

Apesar destes importantes predicados, pouco se conhece sobre a rede de sustentação econômica e social da Feira. O presente trabalho explora, através de um *survey* realizado junto aos expositores, o processo de produção e comercialização de artigos na Feira, buscando dimensionar os impactos econômicos do evento.

Os resultados demonstram que a Feira apresenta-se intimamente vinculada à indústria e ao comércio de Belo Horizonte, uma vez que boa parte das matérias primas necessárias à confecção dos produtos expostos é adquirida regularmente no próprio município, desencadeando, portanto, importantes efeitos multiplicadores na economia.

O processo de produção atesta o caráter eminentemente artístico ou artesanal, já que a maior parte das etapas produtivas dos diversos produtos expostos é realizada manualmente, em ateliês localizados na própria casa dos expositores. Some-se a isso o fato de que vários expositores empregam ajudantes, sobretudo familiares, gerando emprego, renda e deflagrando articuladas estratégias de sobrevivência familiar, baseadas no trabalho coletivo.

Em relação à comercialização, nota-se que a maioria dos expositores mantém vínculos estáveis e fiéis com a Feira, exibindo elevada média de tempo de participação e expondo suas criações, no mais das vezes, com exclusividade no evento. O volume de negócios é marcado por fatores sazonais, atingindo o seu apogeu nos meses que antecedem o Natal e nas férias de verão, atingindo picos isolados ao longo do ano coincidindo com feriados e datas comemorativas.

Palavras-chave: Feira de artes e artesanato de Belo Horizonte, economia informal, geração de renda

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais

² Dr. em Demografia – Departamento de Geografia – Universidade Federal de Minas Gerais

³ PhD em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUCMinas

Introdução

A partir da ação espontânea de alguns indivíduos, surge em 1969, na Praça da Liberdade, a Feira Hippie. O nome advém do estilo de vida alternativo dos expositores da época, que vendiam ao longo dos canteiros da praça as suas criações (PBH, 2001). Em 1973, a Feira que já contava com grande aceitação e participação da comunidade passa a ser regulamentada pela prefeitura municipal de Belo Horizonte. Ressalte-se, que já a essa época, a Feira contava com 402 expositores, passando no ano de 1983 a contar com 616, tamanha a popularidade do evento (Martinho e Carneiro, 1999).

O crescimento foi vertiginoso, especialmente a partir da segunda metade da década de 1980, com a mudança no critério de credenciamento de expositores. Este passou a se dar mediante a concessão de convites à expositores, sem nenhum rigor técnico. Conseqüentemente, a Feira passou a contar, em 1988, com 1291 expositores, boa parte dos quais figuravam na categoria “convidados”. Esse crescimento desordenado culminou com a descaracterização do evento, uma vez que a Feira passou a contar com artesãos menos habilitados e expositores de produtos industrializados e semi-industrializados (Martinho e Carneiro, 1999). Some-se a isso o congestionamento, acúmulo de lixo e a conseqüente depreciação do patrimônio arquitetônico da Praça de Liberdade, o que chamou a atenção das autoridades, forçando mudanças estruturais.

Como resposta, a PBH transfere o evento para a Avenida Afonso Pena no primeiro semestre de 1992. A Feira passa a ser realizada somente aos domingos, no horário de 8:00 às 14:00h, recebendo oficialmente o nome “Feira de Arte, Artesanato e Produtores de Variedades da Avenida Afonso Pena”. Outra medida importante foi a estruturação da Feira em 15 setores, o que facilitou sobremaneira a sua organização e gestão (PBH, 2001). Compõem os 15 setores: alimentação; arranjos e complementos; artes plásticas, pintura e escultura; bijuterias; calçados; cama, mesa e banho; cestaria; cintos, bolsas e acessórios; decoração e utilidades; flores e Arranjos; mobiliário; setor criança; tapeçaria; vestuário e vestuário Infantil.

Hoje a Feira conta com aproximadamente 2.800 expositores, atraindo uma média de 70 mil pessoas a cada Domingo com picos de 120 mil visitantes no período de férias e Natal (Estado de Minas, 1999), constituindo-se num evento de monta. Além de ser uma importante fonte geradora de postos de trabalho e renda, além de representar uma opção de lazer para os habitantes do município e ser ao mesmo tempo ponto de referência para turistas que chegam à capital.

Neste sentido, tenciona-se identificar o perfil e avaliar a situação atual dos expositores da Feira de Arte, Artesanato e Produtores de Variedades da Av. Afonso Pena legalmente cadastrados junto a PBH, destacando o processo de produção e comercialização de seus produtos, bem como sua importância para economia urbana de Belo Horizonte.

O caráter informal da economia urbana

Para os países de terceiro mundo são comuns os estudos referentes a sua urbanização sem industrialização e seu decorrente processo de “terciarização” (Santos, 1979). De fato, deve-se tecer considerações sobre o diferenciado crescimento do setor terciário nos países subdesenvolvidos, onde o crescimento da população urbana em idade de trabalho irá desencadear uma *segmentação na economia*, definida pela ploriferação de atividades produtivas ou de serviços para atender a demanda por postos de trabalho (Santos, 1994).

Tal segmentação ordena-se como resposta sistêmica com o fito de adaptar-se a um processo de “involução metropolitana”, ou seja, há um crescimento do número de empregados, porém mal remunerados com conseqüente minoração das condições de vida (Santos, op. cit.).

Com dificuldades em atingir o limiar mínimo de suas necessidades materiais, alguns cidadãos direcionam-se para atividades informais, com a prerrogativa de operar com menor custo fiscal, porém geralmente com menor capital investido. Como referido em estudos anteriores, as atividades informais são indicativas de grandes problemas estruturais no setor formal da economia (Teltscher, 1993; Laguerre, 1994) que não consegue absorver um número grande de trabalhadores ofertantes de sua força de trabalho.

Uma característica inerente ao setor informal é justamente sua complexidade e a variedade de atividades inseridas no seu contexto. Algumas atividades são facilmente observáveis, enquanto outras são menos conspícuas e praticamente impossíveis de serem aferidas. Mesmo sendo inexistente uma definição universalmente adotada de economia informal, entender-se-á aqui que esta fração da economia corresponde àquelas que envolve a produção e a distribuição de bens e serviços que não são detectados pelas autoridades municipais, estaduais e federais, e que por isso não pagam nenhum tipo de imposto (Hart, 1973).

Os teóricos em geral concordam que a raiz das atividades informais nos países subdesenvolvidos está na impossibilidade das instituições formais de proverem emprego a

níveis satisfatórios. Como o setor formal não satisfaz a demanda de empregos, aqueles que são excluídos das atividades formais são forçados a improvisar (Yu, 1994). Assim, o crescimento do setor urbano informal freqüentemente atesta o crescimento da pobreza e também do excessivo processo de urbanização nas cidades do terceiro mundo (Teltscher, 1993; Laguerre, 1994; Lewis, 1954; Fei Ranis, 1964)

Contudo, vale destacar que alguns trabalhadores formais, objetivando sua autonomia, inserem-se no mercado informal muitas vezes utilizando experiências adquirida no setor formal, estabelecendo-se como produtores e comerciantes independentes. Neste sentido, é falacioso associar a informalidade exclusivamente a pobreza e ao desemprego. Com a prerrogativa da ausência de impostos, bem como outras supracitadas, o setor informal mantém padrão de consumo, algumas vezes superior àquele dos que exercem um trabalho formal. Destarte, é comum que “um indivíduo, após experimentar os benefícios da economia informal, nem pense mais em retornar à condição de empregado” (Maia e Coelho, 1997).

Para Santos (1979) a análise econômica urbana nos países subdesenvolvidos é insuficiente se partir dos modelos de setores da economia (primário, secundário e terciário), uma vez que o crescimento do terciário nos países desenvolvidos, para onde este modelo foi desenvolvido, se deu de forma diferenciada, desencadeando processos também singulares.

Os dois circuitos da economia urbana

É notório que os diferenciados processos de estruturação tecnológica nos mundos desenvolvido e subdesenvolvido desencadearam relações econômicas distintas. Para alguns, a diferença primaz estaria atrelada à um aumento do setor terciário na criação de novas atividades, reflexo da liberação de mão de obra na indústria. Contudo, como já discutido, nos países subdesenvolvidos, o *desemprego tecnológico* causou um aumento do emprego no setor terciário, causando a *segmentação da economia*, como resposta da *involução metropolitana*. Por ser esta segmentação econômica abrangente também quanto à produção, e não somente aos “serviços”, a proposição de uma *hipertrofia do terciário* se mostra insuficiente para o terceiro mundo.

Entrementes, Santos (1979) demonstra que a “modernização” no terceiro mundo provocou diferentes circuitos de produção circulação e comercialização, denominados

circuito superior e *circuito inferior*⁴. Para o referido autor, o *circuito superior* destaca-se pela sua atuação em macro-escala, em nível nacional e internacional, sendo expressão deste circuito os grandes monopólios. Assim, as decisões e relações estabelecidas neste circuito se dão *fora* da cidade consumidora. Quanto ao destino dos produtos e serviços, a comercialização deste circuito é destinada às classes mais abastadas, diferenciando-se do *circuito inferior* (Santos, 2003).

O *circuito inferior*, por seu turno, tem sua base bem sedimentada na cidade, atuando em micro-escala, ou seja, tanto a produção quanto a comercialização são de abrangência local. Tal circuito é destinado a atender as camadas materialmente empobrecidas que não tem acesso aos bens e serviços do *circuito superior*. Por não usar tecnologia de forma intensa, ocupa um número de empregados relativamente superior ao *circuito superior*, e pela baixa rentabilidade torna-se difícil regulamentar seus empregados ou mesmo contratá-los informalmente, sendo comum a mão de obra familiar em algumas atividades.

Longe de serem duas modalidades antagônicas, os dois circuitos são interdependentes e intercondicionados, uma vez que o *circuito inferior*, periodicamente faz uso de serviços e produtos do atacado do *circuito superior*. Este necessita do circuito inferior para atender a fração do mercado consumidor e de trabalho além de seu limiar de abrangência. Além disso, a participação do circuito inferior da economia no sistema urbano vem afirmar que o desenvolvimento do capitalismo é marcado pela “transformação progressiva do comércio de luxo em comércio de massa, o comércio de bens para uma parte cada vez mais larga da população” (Mandel apud Corrêa, 2001).

Entende-se neste estudo que a Feira de Artes e Artesanato de Belo Horizonte faz parte do circuito inferior, por empregar informalmente seus expositores, ser um circuito de produção e comercialização local e atender, em grande parte, a consumidores menos abastados. Nossa ressalva reside no fato de ser a Feira um atrativo turístico de porte, atraindo pessoas de renda e status social dos mais variados. Neste sentido, a generalização torna-se apenas um parâmetro para classificar a Feira entre os circuitos da economia urbana. Outras características do circuito inferior podem ser acompanhadas no quadro a seguir.

⁴ A existência dos dois circuitos nos países subdesenvolvidos é condicionada a necessidade de atender as camadas menos abastadas. No mundo desenvolvido, pode-se dizer que se desenvolve o circuito superior somente por apresentar estes países menor distorção na distribuição da renda nacional.

Características dos Dois Circuitos da Economia Urbana em Países Subdesenvolvidos

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Uso intensivo de capital	Uso intensivo de mão-de-obra
Organização	Burocrática	Primitiva, não estruturada
Capital	Imporante	Escasso
Mão-de-obra	Limitada	Abundante
Salários regulares	Prevalentes	Não requeridos
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade e/ou baixa qualidade
Preços	Fixos (em geral)	Negociáveis entre comprador e vendedor (regateio)
Crédito	De banco, institucional	Pessoal, não institucional
Margem de Lucro	Pequenas ou unidade mas importante, dado o volume dos negócios (exceto artigos de luxo)	Grande por unidade, mas pequena em relação ao volume dos negócios
Relação com fregueses	Impessoal e/ou por escrito	Direta, personalizada
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Propaganda	Necessária	Nenhuma
Reutilização das mercadorias	Nenhuma (desperdício)	Frequente
Capital de reserva	Essencial	Não essencial
Ajuda governamental	Importante	Nenhuma ou quase nenhuma
Dependência direta de países estrangeiros	Grande; orientação para o exterior	Pequena ou nenhuma

Fonte: Santos, 2003

A Feira de Artes e Artesanato de Belo Horizonte, em sua gênese, era formada fundamentalmente por artesãos, ou seja, de pessoas que produzem e comercializam sua produção. Segundo Santos (1979), o artesão configura-se como atividade típica do *circuito inferior*, tendo em vista que o uso de força de trabalho individual ou familiar, geralmente em casa, torna-se prerrogativa para fugir dos impostos. Segundo o autor, a revolução no consumo na cidade acarreta uma “redução da atividade artesanal” tendo em vista os produtos industrializados, o que atestaria em parte a parcial descaracterização da Feira com produtos industrializados sendo expostos. Entretanto, nas grandes cidades, o artesão seria melhor remunerado e ganharia maior destaque, bem como desempenharia “um papel complementar importante nas atividades modernas, incluindo-se a indústria” (Santos, op. cit.).

Metodologia

Para materializar os objetivos do presente trabalho utilizou-se de pesquisa quantitativa por amostragem usada para especificar, delinear e descrever fenômenos sociais que ocorrem naturalmente sem manipulação experimental.

A amostra do survey foi composta por 360 questionários, referidos ao conjunto de 2782 expositores da Feira. O tipo de amostragem usada foi a amostra estratificada proporcional por setor da Feira. Esta estratificação levou em conta o peso proporcional de expositores em cada setor de acordo com listagem disponibilizada pela Administração da Regional Centro Sul:

Setor	Universo	Amostra
Alimentação	110	14
Arranjos e Complementos	115	15
Artes Plásticas/Pintura	151	20
Escultura		
Bijuterias	372	48
Calçados	283	37
Cama/Mesa e Banho	96	12
Cestaria	22	3
Cintos/Bolsas/Acessórios	241	31
Decoração e Utilidades	246	32
Flores e Arranjos	80	10
Mobiliário	52	7
Setor Criança	270	35
Tapeçaria	23	3
Vestuário	467	60
Vestuário Infantil	254	33
Total	2782	360

Este desenho amostral garante uma margem de erro de 5% dentro de um intervalo de confiança de 95%, conforme as estimativas dos parâmetros para o conjunto da população, de acordo com a fórmula clássica apresentada a seguir:

$$n = \frac{(z_{\alpha/2})^2 \cdot s}{d^2}$$

Onde:

n = Tamanho da amostra;

$(z_{\alpha/2}) = (1,96)$ para um intervalo de confiança de 95%

s = Estimativa de variância da variável principal, cujo valor padrão é de 25%;

d = erro amostral desejado.

O questionário foi desenvolvido juntamente com a Administração da Regional Centro Sul e é composto por 46 perguntas abertas e fechadas, organizadas em 5 baterias. As entrevistas ocorreram entre os dias 22 de Dezembro de 2002 e 10 de Janeiro de 2003, época de intensa atividade por parte dos expositores e de grande fluxo de visitantes na Feira. Por isso, optou-se por aplicar os questionários por telefone, para não obstar o trabalho dos expositores⁵.

Perfil do Expositor

Os resultados da pesquisa revelam a predominância de mulheres entre os artistas e artesãos cadastrados junto à PBH como expositores da Feira (72.5%) (Tabela 1). Já a média de idade dos expositores mostrou-se surpreendentemente alta, em torno de 50,6 anos de idade (Tabela 2), o que sugere que boa parte dos artistas e artesãos cadastrados seja composta de aposentados.

Tabela 1: Gênero

	Frequência	%	% acumul.
Masculino	99	27,5	27,5
Feminino	261	72,5	100
Total	360	100	

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

⁵ Em virtude do caráter desatualizado do cadastro de expositores da Feira, houve necessidade de efetuar 529 substituições de respondentes. Dentre os principais motivos para as substituições figuram: telefone não encontrado para pessoa ou ausência de endereço no banco de dados (39% dos casos); telefone encontrado não pertence à residência atual da pessoa (25%); telefone encontrado no endereço correto, mas não atende, não recebe chamadas ou encontra-se desligado (19%); pessoas que não aceitaram responder ao questionário (7%) e pessoas encontradas, mas que não responderam ao questionário por estarem viajando ou por não serem encontradas em casa nos horários das ligações, por não terem tempo, por falecimento, ou porque deixaram de expor na feira (11%).

Tabela 2: Idades dos expositores

Idades	Frequência
Mínima	18
Máxima	82
Média	50,6
Respondentes	354
Desvio Padrão	11,6

Fonte:LESTE/IGC/UFMG

No que diz respeito ao local de residência, detectou-se que os expositores são, em sua maioria, moradores do próprio município de Belo Horizonte (83,7%), sendo que os demais advêm dos municípios da Região Metropolitana (Contagem, Ribeirão das Neves e Santa Luzia) (Tabela 3). Neste sentido, pode-se inferir que a maior fração da renda gerada pela Feira permanece concentrada na capital, compondo o dinamismo dos circuitos urbanos da mesma.

Tabela 3: Em qual município você reside?

Cidades	Frequência	%	% acumul.
Belo Horizonte	298	83,7	83,7
Contagem	23	6,5	90,1
Santa Luzia	7	2,0	92,1
Ibirité	5	1,4	93,5
Sabará	4	1,1	94,6
Betim	4	1,1	95,7
Ribeirão das neves	3	0,8	96,5
Ouro Preto	3	0,8	97,3
Vespasiano	2	0,6	97,9
Mateus Leme	1	0,3	98,2
Santa Rita	1	0,3	98,5
Moeda	1	0,3	98,8
Lagoa Santa	1	0,3	99,1
Florestal	1	0,3	99,4
Itabira	1	0,3	99,7
Mário Campos	1	0,3	100,0
Total	356	100	

Fonte: LESTE/IGC/UFMG

Nota-se uma significativa heterogeneidade em relação à escolaridade dos expositores. Enquanto boa parte desses indivíduos tem o primário completo ou incompleto (21,1%), outros 27,2% apresentam-se com escolaridade entre a 5ª e 8ª séries. Aqueles que detêm o

ensino médio completo ou incompleto correspondem a 38,3% do universo, enquanto aqueles com grau superior completo ou incompleto representam 12,2% do total (Tabela 4).

Tabela 4: Qual o seu grau de escolaridade?

	Frequência	%	% acumul.
Nenhum	6	1,7	1,7
Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série incompleto	21	5,8	7,5
Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série completo	49	13,6	21,1
Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série incompleto	40	11,1	32,2
Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série completo	58	16,1	48,3
Ensino Médio de 1ª a 3ª série incompleto	36	10,0	58,3
Ensino Médio de 1ª a 3ª série completo	102	28,3	86,7
Ensino Superior incompleto	13	3,6	90,3
Ensino Superior completo	31	8,6	98,9
Total	360	100,0	

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Tabela 5: Qual é o seu estado civil?

	Frequência	%
Casado	230	64,4
Solteiro	47	13,2
Divorciado/ Desquitado/ Separado	47	13,2
Viúvo	33	9,2
Total	357	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Os expositores demonstram uma composição familiar que favorece a sua atividade na Feira, sendo eles predominantemente casados (64,4%) (Tabela 5). Do Universo pesquisado, 88,2% dos expositores possuem filhos (Tabela 6), tendo em média 2,9 filhos (Tabela 7), o que ajuda a explicar a preferência a utilização do trabalho familiar.

Tabela 6: Você tem filhos?

	Frequência	%
sim	315	88,2
não	42	11,8
Total	357	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Tabela 7: Quantos filhos?

Filhos	Frequência
Mínima	1
Máxima	14
Média	2,9
Respondentes	316
Desvio Padrão	1,6

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

A Feira é a atividade exclusiva para 89,4% dos expositores, o que atesta a viabilidade econômica do negócio (Tabela 8). Dentre as principais atividades exercidas pelos 37 artesãos além do trabalho na Feira figuram principalmente aquelas vinculadas a cargos administrativos em empresas privadas ou públicas, bem como professores e vendedores autônomos (Tabela 9).

Tabela 8: Além de expor na Feira, você desenvolve outra atividade econômica?

	Frequência	%
sim	37	10,6
não	313	89,4
Total	350,0	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Contando exclusivamente com a atividade desenvolvida na Feira detectou-se que a renda média dos expositores foi de R\$ 979,90 (Tabela 10). Esta renda, porém, oscilou muito entre os artesãos, com valores mínimo e máximo variando entre R\$ 0,00 e R\$ 6.000,00. Vale lembrar que muitos destes atendem a encomendas fixas que mantém o fluxo de vendas constante. Neste caso a Feira constitui-se numa atividade lucrativa, possibilitando, inclusive, a contratação de ajudantes, a aquisição de máquinas, bem como a produção em maior escala. Por outro lado, algumas pessoas expõem apenas por tradição familiar e chegam a não ter ganho algum em certos meses. Vale destacar também que muitos dos expositores também atendem a encomendas de lojas e Feiras-shop, o que gera renda extra para esses artesãos.

Tabela 9: Qual atividade econômica você desenvolve além da Feira?

Atividades	Frequência	%	% acumul.
Professor	5	14,3	14,3
Funções administrativas	5	14,3	28,6
Vendedor autônomo	5	14,3	42,9
Funcionário público	3	8,6	51,4
Artesanatos diversos	3	8,6	60,0
Vendedor	2	5,7	65,7
Pastor/ sacerdote	2	5,7	71,4
Costureira	2	5,7	77,1
Comerciante	1	2,9	80,0
Empresário	1	2,9	82,9
Taxista	1	2,9	85,7
Advogado	1	2,9	88,6
Enfermeiro	1	2,9	91,4
Pedagoga	1	2,9	94,3
Esteticista	1	2,9	97,1
Faxineira	1	2,9	100,0
Total	35	100,0	

Fonte: LESTE/IGC/UFMG

Tabela 10: Qual é, aproximadamente, seu rendimento bruto mensal na Feira?

Renda	Frequência
Mínima	0,00
Máxima	6000,00
Média	979,90
Respondentes	261
Desvio Padrão	970,30

Fonte: LESTE/IGC/UFMG

No cômputo geral, nota-se que a renda auferida na Feira chega a representar uma parcela significativa do orçamento das famílias dos expositores. Tomando-se como base o mês de novembro de 2003, depreende-se que os expositores possuem uma renda média familiar de R\$ 1713,10 (Tabela 11). No entanto, a exemplo dos ganhos na Feira, nota-se uma grande discrepância entre as rendas das famílias de expositores, denotando as diversas formas de inserção social dos expositores.

Tabela 11: Qual foi a renda total da sua casa no mês de novembro?

Renda	Frequência
Mínima	200,00
Máxima	10000,00
Média	1713,10
Respondentes	224
Desvio Padrão	1588,10

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Produção

Os resultados revelam que dentre os principais produtos expostos figuram peças de vestuário adulto e infantil, seguidos de bijouterias, artigos de decoração e arranjos e lembranças (Tabela 12).

Tabela 12: Quais os produtos que você expõe na Feira?

Categorias	N	%	% acumul
Vestuário Adulto	68	17,0	17,0
Bijouteria	56	14,0	30,9
Decoração/ arranjos	53	13,2	44,1
Vestuário Infantil	39	9,7	53,9
Lembranças	37	9,2	63,1
Cintos/ bolsas/ calçados/ carteiras	31	7,7	70,8
Porta objetos em geral	18	4,5	75,3
Brinquedos	17	4,2	79,6
Utilidades	16	4,0	83,5
Decoração infantil	11	2,7	86,3
Adulto + infantil	11	2,7	89,0
Salgados/Sandwiches	9	2,2	91,3
Artigos para bebê	7	1,7	93,0
Adornos pessoais	6	1,5	94,5
Moveis em geral	6	1,5	96,0
Artigos para gestantes	4	1,0	97,0
Bebidas	4	1,0	98,0
Espetos/frituras/porções	4	1,0	99,0
Doces	3	0,7	99,8
Cama/Mesa/Banho	1	0,2	100,0
Total	401	100	

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Além disso, pode-se concluir que existe uma forte articulação econômica na escala territorial-local, uma vez que 78,6% dos expositores adquirem as matérias primas necessárias às suas criações exclusivamente no município de Belo Horizonte (Tabela 13). Ao que tudo

indica, este fato evidencia o impacto positivo da Feira na economia de Belo Horizonte, representando não só uma importante fonte direta de emprego e renda, mas também produzindo efeitos multiplicadores no comércio e indústrias locais. Entretanto, convém notar que parte das matérias primas é adquirida fora de Minas Gerais, o que não é algo desprezível.

Tabela 13: Onde são adquiridas as matérias primas necessárias para confecção dos produtos que você expõe na Feira?

Categorias	Frequência	%
BH	283	78,6
MG	22	6,1
MG/Outros Estados	51	14,2
MG/Outros Estados/Outros Países	4	1,1
Total	360	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Em relação a periodicidade com que os estoques de matérias-primas são abastecidos, detectou-se que, de modo geral, os expositores o fazem freqüentemente, sendo que 43,6% dos respondentes afirmam que os estoques são reabastecidos semanalmente, 12,3% quinzenalmente e 13,1% mensalmente (Tabela 14). A aquisição fácil de mercadorias no próprio mercado de Belo Horizonte, aliado ao baixo capital de giro associado à produção explica essa periodicidade. Por outro lado, é também digno de nota o fato de que 22,1% dos Feirantes repõem seus estoques em períodos irregulares, ao sabor da demanda sazonal de seus produtos.

Tabela 14: De quanto em quanto tempo você renova seu estoque de matéria prima básica para confecção dos produtos que expõe na Feira?

	Frequência	%	% acumul.
Diariamente	2	0,6	0,6
Toda semana	157	43,9	44,4
de 15 em 15 dias	44	12,3	56,7
Uma vez por mês	47	13,1	69,8
Mais que um mês	29	8,1	77,9
Irregular	79	22,1	100,0
Total	358	100,0	

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Evidenciando o aspecto artístico/artesanal dos produtos expostos, os resultados demonstram que esses são, em boa medida, construídos manualmente (36,9%) (Tabela 15), ou em processos híbridos, nas quais certas fases do processo de produção são efetuadas manualmente, enquanto outras são materializadas com a ajuda de máquinas (50,3%). O

percentual daqueles que simplesmente não confeccionam os produtos, mas compram de terceiros é ínfima (1,1%), representando alguns indivíduos vinculados ao setor de alimentação.

Tabela 15: Como você confecciona os produtos que expõe na Feira?

	Frequência	%	% acumul.
Manualmente	133	36,9	36,9
Com a ajuda de máquinas	42	11,7	48,6
Manualmente e com a ajuda de máquinas	181	50,3	98,9
Não confecciona/ compra	4	1,1	100,0
Total	360	100,0	

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

A produção ocorre predominantemente em ateliês localizados na casa dos próprios artistas e artesãos (Tabela 16), o que facilita a organização da produção a partir da mão de obra familiar, como se verá a seguir. Poucos são os que trabalham fora de casa, em ateliês próprios ou alugados.

Tabela 16: Onde são confeccionados os produtos que você expõe na Feira?

	Frequência	%	% acumul.
Ateliê na própria casa	306	85,0	85,0
Ateliê próprio fora da sua casa	27	7,5	92,5
Ateliê alugado	13	3,6	96,1
Casa + oficina de terceiros	4	1,1	97,2
Própria casa/ próprio fora de casa	4	1,1	98,3
Ateliê cedido	3	0,8	99,2
Não confecciona/ compra	3	0,8	100,0
Total	360	100,0	

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

De todo o universo pesquisado, 69,4% dos Feirantes necessitam de ajudantes para confeccionar os produtos expostos na Feira, o que uma vez mais atesta a importância econômica do evento, evidenciando o seu caráter gerador de emprego e renda (Tabela 17). Detectou-se também que os expositores empregam em média 2,3 ajudantes, sendo que alguns chegam a empregar até 7 pessoas na confecção dos produtos vendidos na Feira (Tabela 18).

Tabela 17: Você necessita de ajudante para confeccionar os produtos que expõe na Feira?

	Frequência	%
Sim	250	69,4
Não	110	30,6
Total	360	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Tabela 18: Quantos Ajudantes o auxiliam?

Ajudantes	Frequência
Mínima	1
Máxima	7
Média	2,3
Respondentes	246
Desvio Padrão	1,4

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Dos expositores que empregam ajudantes, 66,3% trabalham com um quadro composto exclusivamente por familiares, sendo pequeno o número daqueles que trabalham com pessoas fora do círculo familiar (Tabela 19).

Outro aspecto importante é que aqueles que fazem uso de familiares na produção dos artigos vendidos na Feira empregam em média 2,1 pessoas da própria família (Tabela 20). Esses dados atestam o caráter eminentemente familiar do processo de produção dos artigos expostos na Feira.

Tabela 19: Dos seus ajudantes, quantos são membros da sua família?

	Frequência	%
Nenhum	37	15,0
Todos	163	66,3
Alguns	46	18,7
Total	246	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Tabela 20: Quantos são os ajudantes membros da família?

Ajudantes	Frequência
Mínima	0
Máxima	6
Média	2,1
Respondentes	206
Desvio Padrão	1,2

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Quando inquiridos acerca dos vínculos empregatícios mantidos com os ajudantes, os resultados indicam que 48,1% dos expositores não contratam ou remuneram os seus funcionários, enquanto outros 42,4% contratam ou remuneram regularmente os ajudantes, tendo em média 2,1 ajudantes nesta condição (Tabelas 21 e 22). Nota-se uma vez mais a importância da mão-de-obra familiar participando do processo de produção e o uso de estratégias de sobrevivência no interior do seio familiar, porquanto o trabalho coletivo é empregado na conquista de objetivos econômicos comuns a todos.

Tabela 21: Dos seus ajudantes, quantos são contratados ou remunerados?

	Frequência	%
Nenhum	117	48,1
Todos	103	42,4
Alguns	23	9,5
Total	243	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Tabela 22: Quantos são os ajudantes membros da família?

Ajudantes	Frequência
Mínima	0
Máxima	6
Média	2,1
Respondentes	123
Desvio Padrão	1,3

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Comercialização

Um aspecto interessante a ser considerado é que o tempo médio em que os artesãos estão em atividade é de 16,4 anos (Tabela 23), demonstrando que o exercício do artesanato foi um atrativo para os Feirantes, principalmente durante a década de 80 quando predominaram os ingressos dos expositores. Vale também ressaltar que alguns expositores estão em atividade há 33 anos, data inicial da atividade artesanal na Feira.

Tabela 23: Há quanto tempo você expõe na Feira?

Anos	Frequência
Mínima	0
Máxima	33
Média	16,4
Respondentes	351
Desvio Padrão	7,8

Fonte: LESTE/IGC/UFMG

Grande parcela dos artesãos (82.7%) expõe seus trabalhos exclusivamente na Feira (Tabela 24). Contudo um número significativo de pessoas vende suas criações em outros lugares (17,3%), especialmente em exposições, eventos e Feiras realizados na própria capital, com destaque para a Feira do Eldorado (Tabela 25).

Tabela 24: Além da Feira, você expõe seus produtos em outro lugar?

	Frequência	%
Sim	62	17,3
Não	297	82,7
Total	359	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFMG

Tabela 25: Onde você expõe além da Feira?

	Frequência	%	% acumul.
Exposição/ eventos/ Feiras diversas RMBH	18	26,5	26,5
Feira do Eldorado	15	22,1	48,5
Lojas	12	17,6	66,2
Própria casa	8	11,8	77,9
Rua	5	7,4	85,3
Centro de artesanato mineiro no Palácio das Artes	4	5,9	91,2
Feiras/ exposições/ eventos em outros estados	4	5,9	97,1
Feira shopping	2	2,9	100,0
Total	68	100,0	

Fonte: LESTE/IGC/UFMG

Quanto a clientela dos artesãos, nota-se uma distribuição equânime entre turistas (31,1%), moradores da região metropolitana de Belo Horizonte (35,9%), e aquela composta concomitantemente por turistas e habitantes de BH e região (33,1%) (Tabela 26).

Tabela 26: Qual sua principal clientela na Feira?

Clientes	Frequência	%
Pessoas de BH e Região	128	35,9
Ambos	118	33,1
Turistas	111	31,1
Total	357	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

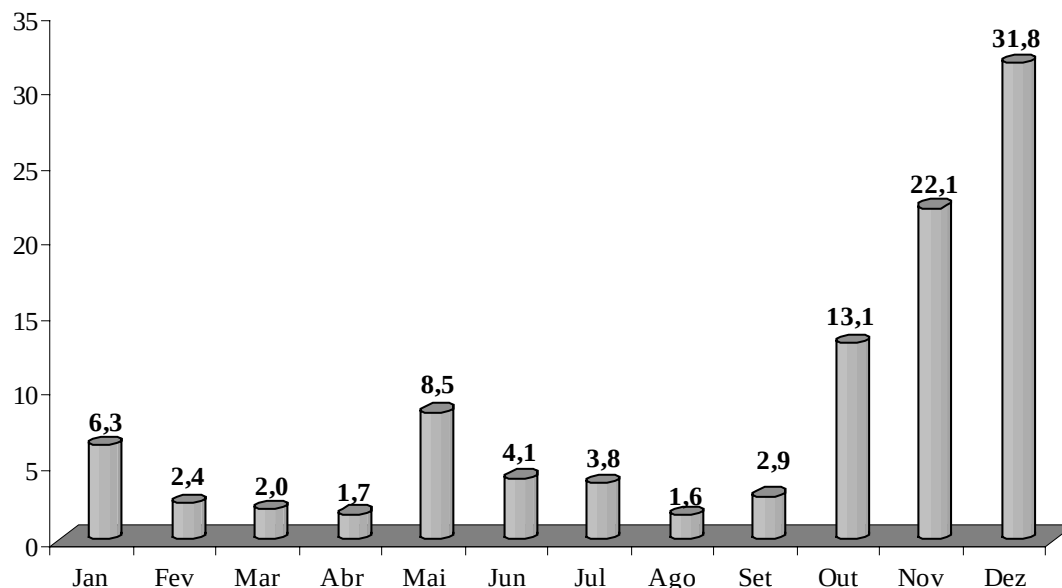
Como esperado, os resultados referentes à percepção dos expositores em relação aos meses do ano que são mais favoráveis à comercialização de seus produtos revelam uma grande sazonalidade no comércio da Feira. Do universo, apenas 12,8% dos expositores atestam serem igualmente favoráveis todos os meses do ano (Tabela 27). Já para a maioria dos expositores, as vendas crescem entre os meses de outubro e dezembro. Janeiro destaca-se pelo movimento de turistas e pela busca de melhores preços após o natal pelos consumidores de Belo Horizonte. É também digno de nota o mês de maio, sobretudo em decorrência da comemoração do Dia das Mães. Após o mês de maio as vendas ficariam atreladas ao período de inverno, principalmente os setores de vestuário. Pela ausência de feriados, agosto aparece como o mês de menor movimento. Além disso, verificou-se ser forte a influência dos feriados e datas comemorativas no comércio (Figura 1).

Tabela 27: Em que meses (ou mês) do ano o comércio do seu produto é melhor?

Meses	Frequência	%
Todos	46	13,4
Alguns	296	86,5
Total	342	100,0

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

Figura 1: Meses Mais Favoráveis a Comercialização segundo os Artesãos (%)



Dificuldades dos Feirantes

Os expositores foram inquiridos acerca das maiores dificuldades encontradas no desempenho das suas atividades na Feira de Arte, Artesanato e Produtores de Variedades da Av. Afonso Pena. Foram colhidas até três respostas, organizadas em ordem de importância. Os resultados apresentados na tabela 28, permitem a identificação do número de citações em primeira, segunda e terceira ordens, além de apresentar o conjunto total de citações.

Dentre os fatores que mais dificultam a ação dos artistas e artesãos, comparece o fornecimento de matérias-primas como o mais citado, tanto em primeira ordem, quando em termos globais. A esta dificuldade estão atrelados a escassez e preço de certas matérias primas e talvez os custos de transportes, uma vez que parte expressiva destas é exportada.

Tabela 28: Quais são as principais dificuldades que você enfrenta na sua atividade?

Categorias	1^a Ordem	2^a Ordem	3^a Ordem	Tot. de citações
Fornecimento de Matérias Primas	65	31	11	107
Concorrência de outros artesãos	50	31	9	90
Falta de espaço adequado para comercialização	36	20	15	71
Preço do produto final	15	30	18	63
Baixo poder aquisitivo dos consumidores	20	20	21	61
Concorrência de produtos industrializados	27	16	13	56
Falta de crédito	22	17	5	44
Consulta de créditos	21	11	1	33
Segurança	17	7	9	33
Dificuldade c/ a produção (maquinário, mão de obra, tempo)	15	7	6	28
Infra-estrutura	9	7	4	20
Dificuldade de vendas	7	5	0	12
Plágio	5	6	0	11
Transporte	6	4	0	10
Falta fiscalização (atendimento, eficácia)	2	2	2	6
Concorrência de ambulantes	2	3	1	6
Questões burocráticas	4	1	0	5
Localização	2	0	0	2
Outros	9	9	7	25
Total	334	227	122	683

Fonte: LESTE/IGC/UFGM

A segunda dificuldade mais citada, tanto em primeira ordem, quando em termos globais, é a concorrência com outros artesãos. Neste sentido, o plágio constitui-se um sério problema, uma vez que é prática comum entre alguns artesãos copiar modelos e produtos de grande aceitação. Os expositores apontam ainda o funcionamento das Feiras-shop aos domingos como um entrave a sua atividade na Feira, uma vez que esta concorrência divide os clientes e diminui rendimentos.

A falta de espaço para a comercialização também representa uma importante dificuldade apontada pelos expositores. Dificuldades em relação ao espaçamento entre as barracas, bem como a própria localização das barracas em pontos de menor circulação na Feira.

O preço final dos produtos e o baixo poder aquisitivo dos consumidores também são assinalados como entraves à atividade, uma vez que comprimem as margens de lucro, comprometendo muitas vezes a viabilidade econômica da atividade.

Outro problema bastante mencionado pelos expositores é a concorrência que sofrem de produtos industrializados. Estes por serem produzidos em série podem chegar aos

consumidores a preços mais baixos, dificultando a concorrência. Some-se a isso o fato de que esses produtos, muitas vezes chegam a ser vendidos por alguns expositores na própria Feira ou por ambulantes nos seus arredores, acirrando ainda mais a concorrência.

A falta de crédito para a atividade também é lembrada por boa parte dos artistas/artesãos, já que a falta de capital de giro prejudica o fluxo de fornecimento de matérias primas, contratação de ajudantes, bem como a compra de equipamentos para otimizar a produção.

Por outro lado, a inexistência de um sistema de consulta de crédito do consumidor prejudica a comercialização, expondo os artistas/artesãos a riscos e perdas. Segundo os artesãos, uma grande quantidade de cheques sem fundo circula na Feira, emitidos principalmente por turistas. Neste sentido os expositores vêm-se obrigados a vender seus produtos à vista, o que restringe os ganhos uma vez que os compradores exigem descontos.

A falta de segurança também é citada como entrave ao comércio na Feira. Os Feirantes queixam-se dos “gatunos” que se fazem passar por consumidores e acabam por saquear o caixa ou os produtos expostos nas barracas. Some-se a isso os freqüentes furtos ocorridos no interior da própria Feira aos consumidores, o que, de acordo com os expositores, vem depreciando o evento como atrativo turístico.

Considerações finais

De modo geral os resultados da pesquisa atestam a importância econômica e social da feira. O evento, que tem mais de 30 anos de duração, faz parte do cotidiano da cidade, constituindo-se, cada vez mais numa importante alternativa de lazer, e de geração de trabalho e renda.

Os artistas e artesãos são em sua maioria mulheres, com idade média em torno de 50 anos, moradores de Belo Horizonte, com escolaridade variada. Os expositores são, em geral, casados e possuem filhos, tendo a sua participação na Feira como única atividade, atestando a viabilidade econômica do evento. Ressalte-se que a renda média mensal oriunda do trabalho na Feira é de R\$ 979,90, o que compõe parcela importante da renda média familiar (R\$ 1.713,10). A maioria dos expositores não faz parte de entidades representativas de classe, operando individualmente.

A Feira também apresenta-se intimamente vinculada à indústria e ao comércio local, uma vez que boa parte das matérias primas necessárias a confecção dos produtos expostos é

adquirida regularmente no próprio município, desencadeando portanto importantes efeitos multiplicadores na economia.

O processo de produção atesta o caráter eminentemente artístico ou artesanal, já que a maior parte das etapas produtivas dos diversos produtos expostos é realizada manualmente, em ateliês localizados na própria casa dos expositores. Some-se a isso o fato de que vários expositores empregam ajudantes, sobretudo familiares, gerando emprego, renda e deflagrando articuladas estratégias de sobrevivência familiar baseadas no trabalho coletivo.

Em relação à comercialização, nota-se que a maioria dos expositores mantém vínculos estáveis e fiéis com a Feira, exibindo elevada média de tempo de participação (16,4 anos) e expondo suas criações, no mais das vezes, com exclusividade no evento. O volume de negócios é marcado por fatores sazonais, atingindo o seu apogeu nos meses que antecedem o Natal e nas férias de verão, atingindo picos isolados ao longo do ano coincidindo com feriados e datas comemorativas.

Uma análise da clientela demonstra a media em que a Feira é ao mesmo tempo uma opção de lazer para os habitantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte e um importante ponto de visitação turística.

Os resultados também apontam, a partir da vivência e percepção dos expositores, vários problemas que precisam ser tratados pelas autoridades municipais no sentido de melhor atender às demandas dos expositores e consumidores. Neste sentido, o presente trabalho é de fundamental importância, uma vez que municia o poder público de dados organizados estatisticamente.

Dentre as principais dificuldades encontradas pelos expositores no exercício de sua atividade comparecem o fornecimento de matérias-primas, a concorrência com outros artesãos, bem como com a lojas que funcionam aos domingos, a aglomeração de barracas em espaço limitado, a concorrência de produtos industrializados, a falta de crédito e de consulta ao crédito.

Uma consideração adicional diz respeito às tendências de comportamento organizacional e perceptivo do espaço de trabalho entre homens e mulheres. Recomenda-se dar mais atenção às sugestões e avaliações provenientes das mulheres, especialmente no que se refere aos itens associados a segurança, conforto e infra-estrutura, pois por configurarem a maioria dos expositores estão mais afins com os problemas da Feira. Observe-se também que os feirantes tendem a envelhecer, como toda a população brasileira, e algumas idiossincrasias associadas às idades superiores começam a se fazer sentir entre os feirantes mais antigos. Cuidados especiais em termos de demandas e necessidades específicas das populações de

adultos maduros e de terceira idade podem ser gradativamente selecionadas e incorporadas na agenda de planejamento e na reconfiguração econômico-espacial da Feira de Arte e Artesanato, mesmo em sua localização atual.

Enfim nota-se que a Feira de Artes e Artesanato, mesmo com sua configuração atual, ainda permanece com seu caráter artesanal, configurando uma modalidade profissional considerada anacrônica nos períodos atuais, mas que é expressão de uma *inércia sociais e econômicas, provocada pela existência* de condicionantes do *circuito inferior*. Destarte, a Feira absorve um número crescente de expositores, de difícil mensuração por parte dos órgãos públicos, mas que emprega informalmente um número considerável de pessoas em Belo Horizonte.

Referências Bibliográficas

Estado de Minas. 1999. Feira tem 80% de aprovação. Caderno Gerais. Página 26. Belo Horizonte, 27 de Agosto de 1999.

LESTE, Laboratório de Estudos Territoriais. Feira de Artes e Artesanato de Belo Horizonte: diagnóstico sócio-econômico e avaliação global. Relatório de pesquisa. LESTE/IGC-UFMG 2002.

Maia, Carlos Eduardo S. Coelho, Tito Oliveira Coelho. O Comércio varejista periódico no espaço urbano contemporâneo: um estudo na feira hippie de Goiânia. In: Boletim Goiano de Geografia. Vol. 1 nº 2. Jul/Dez 1997

Martinho, Ervê e Danielle Carneiro. 1999. Pesquisa: Opinião do Turista Sobre a Feira de Arte e Artesanato da Avenida Afonso Pena. Belo Horizonte: FUMEC Júnior/Belotur – Mimeo 44 páginas.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 2001. Diagnóstico da Feira de Arte, Artesanato e Produtores de Variedades da Av. Afonso Pena. Belo Horizonte: PBH - Mimeo 06 páginas.

Santos, Milton. O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

Santos, Milton. Economia espacial: críticas e alternativas. 2º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

Santos, Milton. Por uma economia política da cidade. São Paulo: Hucitec, 1994

Corrêa, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas; 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

Teltscher, Susanne. Informal Trading in Quito, Ecuador: economic integration, internal diversity and life changes. Verlag Breitenbach Publishers, Fort Lauderdale, 1993

Laguerre, Micael. The informal city. MacMillan Press. London, 1994

Hart, Keith. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. The Journal of Modern African Studies 11 (1): 61-89.

Yu, Sandra. Supporting the informal sector: cases of NGO assistance program. Pagsusuri Ukol Sa Lipunan. Simbahan, 1994

Lewis, W. Economic development with unlimited supplies of labor, in Agarwala, A. N. e Singh, S. P. (Editores) The Economics of Underdevelopment. London, Oxford Press. 1954

Frei, J. H. Development of the labor surplus economy: theory and policy II. 1964